

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM. — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO. — CARLOS JOSE CALDEIRA.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 18. — SABBADO, 3 DE MAIO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARIO.

Jorge, romance contemporaneo (continuação) — Os homens de sciencia contemporaneos (continuação) — A folha desbotada — A Academia das Bellas Artes de Lisboa. — Os plenipotenciarios do congresso de Paris — Viagens — A uma seifeira — O convento de Nossa Senhora da Boa Viagem — Pois ser pallida é defeito? — Viagem d'elrei o Sr. D. Pedro v. — Chronica Semanal. — Versos A... — A riza — Bibliographia.

BRAYRAS — Os plenipotenciarios do congresso de Paris. — Vista do convento de Nossa Senhora da Boa Viagem na bahia do Rio de Janeiro.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

VIII

(Continuado do n.º 15).

O mancebo correu para ella e arremeçou-se aos seus pés. Georgina estremeceu, erguendo subitamente a fronte. — Oh! perdão Georgina! perdão, disse este beijando respeitosa e fimbria do seu vestido. — Não tive, não tenho alma para calar por mais tempo, amo-a como ainda ninguém, como só uma vez, oh! Georgina, que não posso dizer senão, que a amo! É pela ultima vez neste mundo, não podem offendel-a as minhas palavras... Vou deixal-a sabe Deus se para sempre, não me despreze, tenha piedade de mim.

— Vae deixar-nos, abandonar a nossa casa, partir de Inglaterra? disse esta esquecendo tudo, agora que se aproximava o instante de lhe dizer adeus! Que mudança foi essa, o que tem? diga, conte a sua irmã, Jorge.

— Não posso, é-me impossivel, e que importava que lhe contasse tudo se temos sempre de nos separar? Assim devia de ser, era muita felicidade a minha para que pudesse ser longa. Vou deixal-a dentro de poucas horas... e se ao menos uma esperança por tímida que fosse, de ser amado.

— Pois duvida ainda? estas palavras sahiram dos labios como se força occulta as tivesse soltado da consciencia.

— Tem ainda que duvidar, continuou Georgina, comprimindo levemente, com a sua mão tremula, a mão de Jorge.

Quem havia de duvidar?! a alma estava fallando n'aquelles olhos onde as lagrimas estremeciam como as gotas do orvalho matutino no calix da violeta.

— Oh! bem posso agora morrer, tenho força já para soffrer tudo... Exclamou Jorge em voz que a violencia das sensações que n'esse instante o agitavam tornavam quasi intelligivel — Neste momento se resumio toda a minha vida, estou pago de quanto tenho padecido, prompto para padecer muito mais, sem soltar uma queixa.

Houve alguns instantes de silencio, o olhar que se encontrava em extasis dizia tudo.

Georgina fez signal a Jorge para que se sentasse ao seu lado.

— Escute Jorge, escute uma confissão sincera que lhe

von fazer. — Antes de o ter visto, o seu nome era proferrido por mim com admiração, e respeito, quando lhe falei, no primeiro instante sabe Deus o que senti, e sabe Deus o que mentia á consciencia protestando-lhe apenas a sincera amizade de irmão: disse-lh'o ha pouco, não tive força para occultal-o, e tambem me não arrependo de lh'o haver dito. Conheço o seu caracter, sei até onde chega a nobreza da sua alma, e confio no seu amor que não é capaz de me perder: escute, tenha força para ouvir tudo: nós não podemos jámais ser um do outro. — É já tarde, hei-de sacrificar-me aos ultimos desejos de minha mãe, á vontade imperiosa de meu pai, ao cumprimento da minha palavra, dentro de poucos mezes sir James Stenteng vai ser meu marido. A estas palavras como se os incizivos de uma serpente o tivessem mordido no peito o mancebo pôz-se em pé de um pulo, pallido, transtornando, hirto como um cadaver. — Jorge, por piedade, tenha compaixão de mim, lembre-se que me falta a força... era por isto que eu luctei tanto, queria occultar-lhe o que sentia, e vejo agora que devia tel-o occultado sempre... havia de dar-me animo que vi que me falta...

As lagrimas largo tempo reprimidas reventaram com violencia dos olhos. N'um parocismo de dôr Jorge tomou-a nos braços, apertou-a contra o peito, imprimindo os labios com supersticiosa adoração n'aquella fronte desmaiada e fria.

Como emergindo de um grande peso de agua que o tivesse suffocado, o mancebo passado instantes soltou a voz com aparente tranquillidade.

— Tenho força, e hade tel-a tambem Georgina. O amor muda-se pela intensidade do sacrificio de que é capaz. Oh! e o nosso é de véras grande. Deixamo-nos illudir, e fomos felizes com o nosso engano; tinha de acabar, sabia-o no fundo da consciencia antes de ouvir a confissão que acaba de fazer-me. Porque não fugi immediatamente de seu lado? porque me deixei arrastar pelas delicias de um sonho? oh! porque? Não sei, o destino, a fatalidade, como quizerem chamar-lhe, tinha-me cego, desvairado, louco, fixo n'uma idéa, absorto n'um só pensamento, amal-a, poder dizer-lhe um dia, antever o paraizo nos seus olhos se me sorrissem com esperança, morrer de angustia se os encontrasse frios indifferentes, porém morrer amando-a. Cumpra os ultimos desejos de sua mãe, a vontade de seu pae, não quero ser author de um crime.

As lagrimas continuavam a rollar a quatro e quatro pelas faces de Georgina, caindo tibias sobre as mãos de Jorge; o peito arfando com violencia e o tremor de todos os seus membros, denunciavam a profunda impressão que aquellas palavras e aquella scena haviam produzido no seu espirito.

Silencio longo succedeu ao que Jorge acabava de dizer: o sol tinha-se occultado no horisonte e apenas o clarão crepuscular illuminava o vasto aposento. Os olhos da ingleza cerravam-se pouco a pouco, as faces tornaram-se lividas, e a respiração cessou por instantes.

O mancebo sentia a vida, concentrada no coração, que no bater precipitado, parecia querer desconjuntar as arcadas do peito.

Preplexo, ancioso, sem voz e sem força para fazer um gesto, aquelle homem tão energico, estava ao pé d'ella quasi sem consciencia de que existia.

Momentos depois uma lucta semelhante á que reflecte o sol no occaso sobre as brancas nuvensinhas do poente, veio accender as faces da bella insular, os olhos entreabriram-se, e um suspiro cortado expirou á flor de seus labios.

— Vamo-nos d'aqui Jorge, sinto-me mal, tenho um grande peso no coração, acompanha-me até ao jardim; e firmando o braço tremulo no braço do mancebo, ergueuse pallida, transtornada, abatida, porem bella na expressão sua de dôr, como as virgens, martyres do christianismo.

Momentos depois de haverem descido ao parque, a lua despontou no firmamento. Melancholico o astro da noite, parecia vir tomar parte nas magoas dos dois amantes: terna e discreta confidente de tantas scenas d'amor, vinha tambem assistir a essa, em que aquelles dois entes como Julietta e Romeo tinham de se protestar os ultimos juramentos e proferir um derradeiro adeus em presença de sua luz melancholica.

Jorge disse o ultimo adeus a Georgina com o coração repassado de angustia, e a alma cortada de atribulações. Por vezes quando se encontrava encostado á amurada do seu navio, sentira o desejo de terminar com a existencia, depois levando a mão ao coração como para comprimir a dôr aguda que o dilacerava, sentia o pequeno crucifixo que Georgina lhe havia deitado ao pescoço prezo por um cordão do seu cabello, e parecia-lhe escutar a voz d'aquelle anjo repetindo as mesmas palavras de resignação, e confiança em Deus que lhe havia proferido na vespera do sua partida.

Passado um anno os dois mancebos achavam-se pela terceira ou quarta vez na Costa d'África.

Continua.

BULHÃO PATO.

OS HOMENS DE SCIENCIA CONTEMPORANEO.

II

JOSÉ LOURENÇO DA LUZ.

Vimos já, quando tractamos de João José Pereira, que os bens da fortuna, não acompanhavam no principio da vida aquelles, a quem a celebridade havia de seguir mais ao deante: apontámos entre diversos exemplos o nome do cirurgião, de quem nos occupámos agora, e hoje, que mais demoradamente o vamos estudar, confirmaremos por meio dos dados biographicos o que mais atraz levamos dito.

José Lourenço da Luz teve effectivamente uma mocidade angustiada pelas privações e estas, que augmentam proporcionalmente ás aspirações e desejos das pessoas a quem perseguem, deviam de ser muito mais sensiveis pa-

ra o mancebo, que sonhava glórias e que albergava em si esperanças largas e desejos não vulgares.

Quando nasceu em Lisboa a 8 de Setembro de 1800, José Lourenço da Luz encontrou, por unico patrimonio, um nome honrado, sem mais nada, que o podesse auxiliar ou favorecer de futuro na carreira litteraria, onde, todos os que a seguem o sabem, uma vontade energica desajudada dos meios pecuniarios nada pode conseguir. Embora tivesse uma feliz predisposição para o estudo; embora se podesse prognosticar pelos primeiros progressos da creança, que o homem havia de percorrer rapida e desembaraçadamente a estrada das letras: o apoio faltava-lhe, e seria para receiar, que deixado ao desamparo vacillasse, se não caísse, quando ao ensaiar os primeiros passos.

Naquelles tempos, como já dissemos, a escola de cirurgia era bem differente do que hoje é. Sem existencia propria, constituindo uma dependencia do hospital, similhava antes uma especie de collegio para estudantes internos, um pouco distinctos dos ajudantes de enfermeiros e pouco melhor tractados; do que uma escola de instrucção superior podendo rivalisar sem pejo com os primeiros estabelecimentos estrangeiros desta natureza.

José Lourenço da Luz reconheceu-se com tendencias para a vida cirurgica, e impossibilitado de frequentar a Universidade por falta de meios: teve de contentar-se com os estudos incompletos e habilitações pouco consideradas da escola de Lisboa. Ainda assim, mal podia satisfazer as despezas escolares, e teria de renunciar mesmo a esse triste futuro, se lhe não acudisse um lugar de ajudante de enfermeiro, d'onde a troca de um trabalho improbo, recolhia o minguado rendimento de que precisava.

É para notar a singular coincidência, que aproximou este cirurgião, nos primeiros tempos da sua vida, do seu collega e rival futuro João José Pereira. Ambos cirurgiões distinctos, ambos competidores iguaes na reputação e na celebridade, começaram ambos tambem pelo mesmo modo, sujeitando-se aos mesmos trabalhos e á mesma rude e affanosa profissão.

Acanhados e pequenos têm sido os principios de quasi todos os homens grandes; como de baixo é que tem vindo, quasi sempre tambem, os cataclismos sociaes, que transtornam a ordem das nações; como da profundidade da terra, das cavernas sotterradas na base dos montes teem rebentado as erupções, que sepultam cidades, que arruinam palacios e templos, e que no seu ardente sudario de lava requeimam e enterram gerações inteiras. É uma lei, que se acha justificada por immensos factos da vida fisica e social do Universo, e a que o Omnipotente concedeu a primeira prova, creando do cahos, do nada o mundo, e as maravilhas todas, que elle contém.

O homem de talento, porém, o genio triumphou da obscuridade, ergue-se acima do vulgo, e consegue com esses pequenos recursos construir para si o pedestal grandioso, ás vezes, em que a posteridade o admira.

Assim tambem José Lourenço da Luz deixou desde logo ver, que a intelligência o chamava para um mister mais elevado, e á força de estudo conseguiu attrair a attenção dos seus superiores e mestres, que resolveram levantar-o do lugar, onde estava tão mal collocado.

Como João José Pereira alcançou, pouco tempo depois de acabado o curso, o lugar de porteiro das aulas, que então correspondia quasi ao actual de demonstrador de cirurgia e chefe dos trabalhos anatomicos. Exerceu-o cinco annos assiduamente, e nesse tyrocínio proveitoso adquiriu muitos conhecimentos practicos e theoreticos que o habilitaram para o professorado: este não se fez esperar muito, em 1824 foi nomeado lente de medicina operatoria e quasi em seguida examinador de cirurgia, encargo, que segundo parece, não estava como hoje inherente ao magisterio.

Por este tempo deu-se um facto bastante honroso para o nosso cirurgião, de que proveio provavelmente em grande parte a justa nomeada, que rapidamente adquiriu.

Deu entrada nas enfermarias do hospital um doente soffrendo de uma molestia, que ameaçava comprometter-lhe a vida. Convocado a seu respeito, o corpo cirurgico da escola para uma conferencia, vogou a opinião de o abandonar, visto que parecia quasi impossivel a cura. Uma operação havia, indicada naquelles casos, a laqueação da iliaca externa, mas que, pela sua gravidade e pelo pouco que então era executada no mundo medico, fazia receiar aos practicos, que no caso de se levar a effeito abreviasse em vez de prolongar os dias do enfermo: assim, se veio á idéa de alguém, não se atreveu a enunciar-a, porque a considerava um arrojo demasiadamente perigoso, e, o que mais era, inutil. José Lourenço da Luz foi o unico, que a lembrou, mas como era de esperar o seu parecer foi immediatamente regeitado, e quasi malvisto o cirurgião, que, recém-chegado ao campo da sciencia, já ousava commetter empresas, que aterravam os mais antigos, e que estes se não atreviam a emprender.

O enfermeiro mór do hospital accumulava nesse tempo a direcção da escola de cirurgia, que lhe estava subordinada; nesta qualidade presidia a todas as conferencias e tinha o voto decisivo nas suas deliberações. Devia de ser perigoso bastante este emprego, recaindo n'um homem alheio a cirurgia, e que por isso poderia muitas vezes apresentar alvites não concordes com a sciencia e de prejuizo para os doentes: mas não acontecia assim; porque Luiz de Vasconcellos e Sousa, que era o enfer-

meiro mór naquelle tempo, reunia a uma erudicção não vulgar, uma prudencia e criterio bem acima do commum. Foi elle, que, reconhecendo as distinctas faculdades de José Lourenço da Luz, o promoveu e animou; foi elle, quem salvou a vida ao enfermo, e quem ministrou ao cirurgião ainda principiante uma occasião de se distinguir, e de começar a sua carreira com um rasgo de mestre.

Perguntou aos facultativos todos presentes, se outro qualquer meio lhes occorria, que podesse salvar o doente: ou se entregue á sua enfermidade haveria esperanças de se lhe prolongar a vida. Todos responderam, que não, e que o unico modo possivel de cura seria aquella, que o seu collega lembrara, mas que tão arriscado em si, deveria de ser posto de parte e de maneira alguma tentado. Sobre estas respostas o enfermeiro mór determinou a operação: José Lourenço da Luz executou-a por suas mãos, contra a expectativa geral do doente ficou curado, e a reputação do operador desde logo estabeleceu-se.

Em 1825, quando se reformou a escola, foi-lhe confirmada a nomeação de professor substituto de medicina operatoria e arte obstetrica, e em Agosto desse mesmo anno foi-lhe conferida a graduação de vice-secretario da mesma escola. No anno seguinte já era contado no numero dos cirurgiões effectivos do hospital e pouco tempo depois recebia a propriedade de clinica cirurgica, por ter ficado vago este lugar com a nomeação de Jacintho José Vieira, para director da escola e cirurgião mór do reino.

Rapidos foram os progressos, que José Lourenço da Luz fez na carreira do magisterio: a fortuna ajudou-o, como a poderido seu; mas tambem difficilmente os seus favores poderiam recahir sobre um homem, que melhor os merecesse.

Os poucos estudos preparatorios, que então se exigiam na Escola de Cirurgia, bem pouco lhe habilitavam os discipulos para entrar em questões, que não fossem exclusivamente do fóro cirurgico, e neste numero mesmo, muitas havia, que não podiam ser convenientemente tractadas por terem as suas bases nas sciencias accessorias. José Lourenço da Luz reconheceu qual era a vantagem que lhe resultava, a necessidade mesmo, que tinha de se não limitar aos bem circumscriptos conhecimentos, que a Escola lhe offerencia, e já premunido do diploma cirurgico, não se pejou de seguir, assentado nos bancos dos estudantes, o curso de Physica e Chymica, que Mousinho d'Albuquerque então fazia na casa da Moeda.

Nem foi de balde que frequentou este curso: reconhecendo o alcance d'aquellas sciencias, vendo, que ligações tão intimas as prendiam á cirurgia, intentou e conseguiu conjunctamente com os seus collegas o dr. Joaquim José Fernandes e o cirurgião Antonio Pedro Cardozo estabelecer no hospital militar de S. Francisco um laboratorio chymico, que alem de se tornar muito prestavel aos trabalhos medicos d'aquella casa, ministrou aos seus instituidores grande somma de conhecimentos practicos, que ao depois para tanto lhes serviu.

Membro effectivo, desde o principio, da Sociedade das Sciencias Medicas, foi um dos que em 1835 emprehendeu a publicação do jornal d'estas sciencias, que ficando depois a cargo ds mesma Sociedade deu lugar nas suas columnas a excellentes trabalhos das primeiras celebridades scientificas do paiz; e que ainda hoje, posto que em decadencia pelo apparecimento da Gazeta Medica, além de ser o jornal mais antigo que possuímos, deixa ver, o que teria sido n'outros tempos quando redigido com mais solicitude. Em 1842 a Sociedade fez justiça ao merito do seu associado, e o diploma de socio de merito de primeira classe, honra não vulgar, foi-lhe conferido por votação dos seus collegas.

Ha trinta annos, que José Lourenço de Luz rege a cadeira de Clinica Cirurgica e este ramo dos estudos medicos, que lhe deveu a transplantação para o nosso paiz, onde apenas era conhecido, difficilmente poderia encontrar um cultor tão assiduo e esmerado, que tanto o estremece e aperfeiçoasse. No tempo em que tomou posse d'aquella cadeira, para a qual sentia uma vocação decidida, o estudo da clinica, bem differente do que hoje é, nem similhante nome merecia. Os estudantes praticavam nas enfermarias, é verdade, viam administrar os medicamentos, observavam-lhes os effeitos, assistiam aos progressos das enfermidades, e acompanhavam-n'a nas suas differentes phases; mas o porque da prescripção, a analyse das modificações, que este ou aquelle estado do doente lhe podia imprimir, quaes as circumstancias favoraveis para se desenvolver o effeito de uma certa droga, quaes aquellas, em que se tornava inutil, eram cousas todas, que só um aturado estudo lhes poderia deixar conhecer, por que a frequencia das aulas em nada os adiantava neste respeito. O facultativo receitava segundo melhor lhe parecia; o estudante presente áquella cerimonia registava a receita, tomava nota da molestia: e muitas vezes inferia conclusões erradas, que o prejudicavam de futuro, e que nada o adiantavam no presente. Era o empyrismo puro, que presidia áquelles estudos: o raciocínio, a discussão, o exame das opiniões contrarias, dos antagonismos de pareceres dos diversos authors, eram tidos em nenhuma conta, e por isso não eram mencionados de leve sequer.

Foi nestas circumstancias, que tomou posse da cadeira. Dotado de uma perspicacia não vulgar, e de um talento superior, reconheceu immediatamente, que uma re-

fórma radical era de primeira necessidade. Tractou realisar-a e creou a clinica.

Desde aquelle tempo, a cabeceira do doente, e o amphitheatro da aula, constituiram-se um campo de vasta discussão, onde a entrada era permittida a todo o campeador, que vestia as armas do estylo. A razão começou a invadir os terrenos, em que a authoridade unicamente dominava absoluta, o nome não se impoz mais ao raciocínio e a opinião do mestre começou a discutir com as dos discipulos. A sciencia fazia progressos, e deante d'ella, caminhava o racionalismo, com o cortejo seu de debates e discussões, desbravando-lhe a estrada e aplainando-lh'a em vez de lh'a empecer e difficultrar.

Pouco estimados, como eram os estudos practicos de que tão poucos resultados se colhiam ate então, começaram com a reforma a crear alma nova e a sentirem animar-se com uma vida, que não conheciam. A aula de clinica frequentada sómente pelos estudantes, e esses de má vontade, viu-se em breve povoada, por muitos alumnos e facultativos mesmo, que iam apresentar as suas opiniões, ouvir a do professor, e colher n'aquella frequencia conhecimentos, cuja falta sentiam, e que tão necessarios lhes eram na profissão a que se tinham destinado.

Na realidade difficilmente se encontraria, n'aquelles tempos sobre tudo, um cirurgião, em quem melhor coubesse o encargo de professor de clinica cirurgica, do que em José Lourenço da Luz. A phrase correctea ordinariamente revestia-se de um certo ar de superioridade, que lhe davam o talento e o estudo; o modo de se apresentar deante do doente, o methodo de o interrogar, o systema de observação, que seguia, deixavam ver bem, que d'antemão advinhava qual era a doença, que tinha deante dos olhos, e que ia debellar. O braço armado do instrumento abrindo caminho pelas carnes do operando, como por terreno conquistado, que effectivamente o fóra pelo trabalho e applicação, demonstrava aos circumstantes, que o operador sabia juntar a acção á palavra, e que entrelaçava a theoria e a practica com uma mestria admiravel.

O professor de clinica tem de estar sempre prompto para, de repente ás vezes, largando a cadeira da prelecção tomar o ferro e proceder a operações as mais delicadas ou as mais transcendentas, que, de um momento para o outro podem reclamar os que a toda a hora entram na enfermaria. Precisa ter presentes todos os processos operatorios, todas as modificações reclamadas pelas circumstancias diversas, em que se podem encontrar os enfermos; e tem sobretudo de as executar, de as apresentar de fórma superior, porque servem de modelos, os seus trabalhos, e os seus actos são estudados por aquelles, que mais de futuro os têm de imitar.

José Lourenço da Luz foi um grande operador; unanimes são todos, os do seu tempo em o considerar d'esta fórma. Quando começámos a seguir, como estudante, a sua clinica já não operava; a falta de vista e o pouco amor que já tinha ás cousas cirurgicas lh'o impediam: mas nas poucas occasiões em que o vimos executar um ou outro trabalho de pequena cirurgia, nos momentos, em que o vimos presidir aos de maior vulto, tivemos occasião de perceber na mão, que empunhava o instrumento, ou na cadeira que commandava, os resquícios grandiosos de um cirurgião distincto.

O sangue frio, que, citando palavras de um nosso mestre, já vimos ser um dos dotes mais salientes do operador, e a elegancia na practica, que tanto realça aquelles actos possuia-os elle em alto grau, e de maneira tal, que difficil seria exigir mais. Um facto da sua vida passada, que ainda hoje voga na bocca de todos vem apoiar a nossa asserção e corroborar-a efficaçamente.

Chamado para ajudar a uma operação de talha, José Lourenço da Luz desempenhava a sua commissão como era de dever chamado e cuidadoso. O seu collega, que manejava o ferro, feriu uma arteria, que não é vulgar ferir, e assustado por aquelle contratempo, de remedio não facil abandonou o doente á sua sorte, seguido por todos aquelles, que ali se achavam presentes. A mulher do operado vendo seu marido ao desamparo, correu á janella gritando por soccorro, e reclamando perseguição contra os que, segundo dizia tinham assassinado o seu esposo. Maus corriam os tempos, para os facultativos, que pouco affectos ao systema absolutista, que vigorava em Portugal eram perseguidos e mal vistos pelos partidarios do governo.

N'esta conjunctura e a braços com um doente, que se esvahiava em sangue, José Lourenço da Luz achava-se só, carregando com grande responsabilidade, e tendo uma prisão por assassino em perspectiva: não desanimou todavia, sósinho laqueou a arteria e terminava a operação, quando os soldados chegavam para o prender. As benções substituiram as maldicções d'aquella familia e o sangue frio do operador salvou o doente de uma morte certa, salvou-se a si mesmo de um processo longo, e de perigosa decisão, visto o seu modo de pensar politico tão diverso e tão opposto aos que o deviam julgar.

Ainda hoje, se José Lourenço da Luz preside a uma operação qualquer, esta assume um aspecto diverso do commum, e caminha muito mais rapida do que é costume. Prevê todos os contratemplos e accidentes que remove sem se perturbar, anima todos, a todos recorda o seu dever, e algumas vezes temos observado, quando por inconvenientes inesperados o susto invade as fileiras dos cirurgiões presentes, elle sobranceiro ao geral de seus collegas, restabelecer a ordem, restituir o sangue frio, aos que

o perderam, com um socego e impassibilidade, que não tem inveja aos que, segundo a historia nos conta, acompanhavam os grandes capitães, no momento mesmo do maior perigo.

Continua.

R. PAGANINO.

A FOLHA DESBOTADA.

Volve folha desbotada,
Outra vez á mão nevada,
Que do tronco te ceifou:
Volve, e diz sem receio,
Que te apertei contra o seio,
Que o meu olhar te adorou!

Vae discreta confidente,
Dize tudo quanto sente,
E calla o meu coração:
Vae que a tua voz sentida,
Hade ser por ella ouvida,
Com ternura e compaixão!

Dize que ao ver um instante,
Anuviado o seu semblante,
Pensativo o seu olhar;
De sobresalto, e receio,
Sinto o coração no seio
Alvorçado pulsar.

Que a sonhei antes de vel-a,
Como bem fadada estrella,
Mensageira do Senhor,
Que ao vel-a, a voz da consciencia;
Disse «É esta na existencia
A tua estrella de amor.»

De amor puro, intenso, ardente,
Mas que occulto eternamente,
No meu peito ficará.
Que no infortunio nascido,
Só comigo tem vivido,
E comigo morrerá.

Ai! folhinha desbotada,
Outra vez á mão nevada.
Volve de quem te ceifou.
Volve e diz sem receio,
Que te apertei contra o seio,
Que o meu olhar te adorou!

Março de 1854.

BULHÃO PATO.

A ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA
E A NECESSIDADE DE UMA REFORMA.

II

Dois devem ser os fins da Academia das Bellas-artes de Lisboa: crear artistas, e predispor o gosto publico á apreciação e conhecimento das cousas de arte.

Mas para educar e formar artistas, para excitar e desenvolver todos os instinctos da sua vocação e os pôr de accordo com as regras e preceitos do bello, é preciso organizar um complemento de estudos proprios a produzir estes resultados.

E da mesma sorte, para ir educando o gosto publico na comprehensão das cousas de arte, importa que as obras que a representam sejam de natureza que possam estimular as faculdades da imaginação e eleva-la, pela manifestação e attractivo das grandes bellezas, a toda a altura d'essas concepções inspiradas, que não só formam o verdadeiro artista, mas provocam o enthusiasmo nos animos mais indifferentes ou incultos.

É poderá nunca a nossa Academia chegar a estes fins da maneira por que está organizada?

Não somos nós, são vinte annos de experiencia que respondem.

Os resultados ahí estão patentes. Vejam-se e examinem-se.

Os seus progressos reaes, o influxo e alcance do seu systema de ensino, o fructo da applicação e solicitude de seus professores, deviam manifestar-se nas exposições triennas que, mais ou menos regularmente, effectivamente ahí se têm feito.

E o que tem provado a Academia com essas exposições?

Unicamente a deficiencia das regras do ensino seguido, e a ausencia completa dos verdadeiros elementos proprios a contribuir para a formação dos artistas.

Analysando a serie de exposições que aquelle estabelecimento tem effectuado desde 1840, não vemos que os progressos se demonstrem e graduem n'uma escala ascen-

dente, unico facto comprovativo da efficacia e excellencia da instrucção pratica, manifestadas nos seus resultados incontestaveis.

Pelo contrario, os quadros e mais obras de arte, apresentados nas primeiras exposições, asseguravam um futuro muito mais promettedor e attestavam o desenvolvimento de mais auspiciosas vocações. Os srs. Annuniação, Metrass, Monteiro, Sousa, Rodrigues, Christino, Novaes, Mackphail, essa brilhante phalange de talentos, dos quaes alguns já figuram nos logares de seus antigos mestres, e outros deixaram de existir, tudo é dos primitivos tempos da instituição da Academia.

Não queremos dizer que n'esta ultima época se não tenham evidenciado algumas tentativas em diversos generos, que denunciem a applicação de mancebos de merito provado. Mas são esses exemplos isolados, que nem provam a efficacia dos methodos do ensino, nem tão pouco dão a medida dos progressos desejaveis e que havia direito a esperar. Por que o verdadeiro talento, o talento que se inspira e fecunda do fogo da propria fantasia, sobresae e manifesta-se acima das vulgaridades que o rodeiam; reage contra as theorias viciosas e anachronicas que lhe tentem refrear os vôos, e segue instinctivamente as veredas que conduzam ás regiões da idealidade artistica. Estes exemplos, aliás raros, figuram comtudo na historia da Academia; mais antes a condemnam do que a absolvem da sua insufficiencia, se attendêrmos a que essas vocações privilegiadas mais se desenvolveram e educaram em despeito dos vicios do ensino introduzidos e arraigados em todas as aulas, do que auxiliados pela excellencia dos systemas seguidos. E isto prova-se, quando se vê que na Academia se deram sempre e dão ainda a copiar aos alumnos bustos e estatuas barbaras, gravuras incorrectissimas, lythographias francezas defeituosas ou insignificantes, e estampas de traço largo, que offendem evidentemente a anatomia e as regras do claro-escuro.

Se estes e outros factos não provam ignorancia em cousas de arte, provam a defeciencia dos elementos materiaes proprios para a educação do artista.

Mas infelizmente provam uma e outra cousa.

E' um facto todos os dias attestado, pelo desengano dos resultados, que a Academia das Bellas-artes de Lisboa carece de uma reforma completa, reforma que abraça todos os seus ramos de ensino, modificando uns, ou subjeitando-os ás regras illustradas e auctorizadas pela pratica de outros institutos da mesma natureza, e completando outros, annexando-lhes os verdadeiros e necessarios cursos de instrucção que só podem dar em resultado a educação cabal do homem votado a qualquer das artes do desenho.

A má organização dos estudos existentes e a falta de estudos preparatorios e complementares, é pois o vicio capital que predomina na organização da Academia e que produz tão mesquinhos e enfesados effectos.

Apontemos portanto em poucos traços os defeitos introduzidos e as necessidades instantes.

E' necessario conceber a pintura, a estatuaria ou a architectura na sua expressão mais positiva e material, mais restricta e imperfeita, para deixar de comprehender a utilidade, ou antes, a necessidade de uma instrucção geral, como preparatorio ou introdução ás artes do desenho.

Por pouco que se tenha vivido na intimidade dos grandes artistas, é impossivel deixar de conhecer que uma certa ordem de conhecimentos litterarios se torna tão indispensavel ao escultor e ao pintor historico, quanto é necessario ao viajante o conhecimento do caminho por que tenha de transitar.

E as epochas da historia, a analyse dos personagens que symbolisam e illuminam essas epochas com os fulgores do seu genio ou com o esplendor do seu nome guerreiro, a indagação e critica dos monumentos litterarios e poeticos que mais alimentam e fecundam a imaginação do pintor e do estatuario, tudo isto não é outra cousa senão as verdadeiras veredas por onde a sua fantasia tem de divagar na concepção dos assumptos mais esplendidos que hajam de reviver sob o poder do seu pincel ou de se perpetuarem nas fórmulas do marmore.

Esta verdade é hoje reconhecida por todos: ninguem se atreve a contestal-a. Os mais eloquentes exemplos ahí surgem todos os dias, desde o embaraço em que se vê o alumno da nossa Academia, que por sua dedicação especial não tenha adquirido estes conhecimentos, quando lhe propõe os assumptos para serem resolvidos e tractados nos exames, até ás mais trevias interpretações do antigo, reproduzido tão inscientemente nos quadros e esboços que empacham as salas e corredores de San'Francisco.

E comtudo, apesar d'estas serias demonstrações das difficuldades que esperam o futuro de todo o alumno da Academia para a comprehensão dos differentes temas que lhe deva offerecer a historia antiga e moderna na interpretação ideal e elevação poetica que só podem erguer acima da vulgaridade dos pasticcios e abortos esculpturaes as suas obras, apesar de tudo isto, as aulas da Academia continuam francas a todos os mancebos que n'ellas se queiram matricular, sem que d'elles se exija mais do que saber ler e contar!...

A falta d'estas condições preliminares exerce incontestavelmente uma influencia desgraçada em todas as produções do artista. Os seus effectos, restringindo os limites da imaginação abatem os vôos das concepções ar-

rojadas, e tornam sem verdade nem côr propria, os mesmos reflexos do talento.

Um quadro ou uma estatua, embora concebidos com inspiração, embora animados d'aquelle attractivo ideal que se revela em todas as manifestações do genio ainda mesmo inculto, se a luz da sciencia não illumina a mão do pintor ou do escultor, tornam-se obras onde haverá a admirar os lampejos esplendidos que fuljam atravez das incorrecções e defeitos da execução, mas onde nada haverá a apprehender e ainda menos a imitar. Os quadros a fresco de Cimabue e frei Angelico são exemplos eloquentes d'esta verdade. Apesar da sua energia de expressão, de vigor de attitudo e até do verdadeiro fervor do sentimento christão que anima sobretudo as obras d'este ultimo, estas bellezas todavia, este attractivo que ainda hoje convida o viajante illustrado a visitar a sacristia de Santa-Croce e o crypto de San'Miniato, assim como o refeitório e claustro de San'Marcos, esmorecem e perdem do seu valor entre os defeitos que accusam a infancia da arte.

E comtudo, estas idéas tão simples e evidentes, que parecem prescindir de toda e qualquer demonstração, pela força da sua utilidade e pela necessidade da sua applicação, encontram todavia uma opposição vigorosa; e, o que é mais para lamentar, encontram esta opposição entre artistas de merito.

Muitos d'elles sustentam encarniçadamente que o desenho deve ser o primeiro estudo dos mancebos que se dediquem a qualquer dos ramos das Bellas-artes. A pratica material da arte, desauxiliada de toda a instrucção litteraria, restricta aos meios puramente mechanicos, resumida ás theorias e preceitos thecnicos, deve, segundo o seu entender, occupar exclusivamente a intelligencia do artista.

Para elles o tempo consagrado aos estudos preparatorios, é tempo perdido.

O pincel ou o buril que reproduza fielmente a natureza, em qualquer das suas modificações, tem chegado ao supremo fim, tem tocado a verdadeira meta de perfeição da arte.

E' realmente impossivel admittir similhante doutrina. As suas consequencias constringeriam a pintura a uma copia servil, atando todos os vôos ás mais inspiradas produções do ideal do artista. Era o sacrificio da interpretação, a melhor e mais poetica faculdade do pintor ou do estatuario, aquella que expande e exalta a sua fantasia a toda a altura das grandiozas concepções, em favor da copia servil e muitas vezes absurda.

O desenho é por certo a base, a condição mais essencial de todo o complexo de estudos das Bellas-Artes. E' por certo no desenho que os alumnos devem concentrar a maior força e assiduidade da sua applicação. O desenho para a pintura é o mesmo que a arithmetica para a mathematica. Ninguem o desconhece; somos até dos primeiros a proclamar-o.

Mas no desenho, como ensino primordial, não está tudo.

Antes da mão saber pegar no lapis, é preciso que o entendimento tenha noções com que o possa dirigir.

O artista não reside só no manejo do pincel, no preparo da palheta, no empaste das tintas; o artista é a intelligencia, é a alma, é o coração. E nenhuma d'estas grandes propriedade do homem se engrandece e exalta sem que o estudo proprio as prepare e desenvolva.

E' da harmonia d'estas qualidades que nasce o gosto do bello, o sexto sentido do homem, e aquelle que indica os dotes soberanos do artista.

Giotto mesmo, que os sectarios do ensino exclusivamente technico em todas as cousas da arte, proclamam como um exemplo auctorizado de suas desasadas asserções, Giotto occupa um logar tão eminente na eschola italiana por que em suas obras desmente de uma maneira incontrouversa aquelles mesmos que intentam provar que o grande pintor despresou completamente tudo que foram estudos que ficassem fóra da esphera positivamente technica. Os seus quadros ainda existem para attestar o contrario. Elles provam que seu auctor não tinha pelos livros esse desdem systematico que lhe querem attribuir.

Se Giotto deixava os carneiros que andava pastoreando para entrar no atelier de Cimabue, é evidente que para exceder a seu mestre, não sómente na execução material das figuras, mas tambem na expressão das physionomias, e na elevação poetica da composição, se entregava e nutria especialmente da leitura aturada e se retirava ás profundas cogitações que eleva e fortifica a meditação solitaria.

A historia, a philosophia vieram em seu auxilio na concepção dos seus melhores quadros, e desataram as azas áquella imaginação brilhante, que anima e transparece em todos os traços da sua execução. Sem estudos, Giotto não seria um dos fundadores mais gloriosos da pintura em Italia, e um dos modellos aonde ainda os mestres hoje tem muito que aprender e estudar.

(Continúa.)

ANDRADE FERREIRA.

A loucura dos homens tem feito apparecer as galas do luxo, não só nos natalicios, e nos consorcios, onde respira a vida, e o prazer; mas até nos funeraes, onde só avulta a miseria, e o nada.

PLENIPOTENCIA-
RIOS NO CON-
GRESSO DE PA-
RIS.

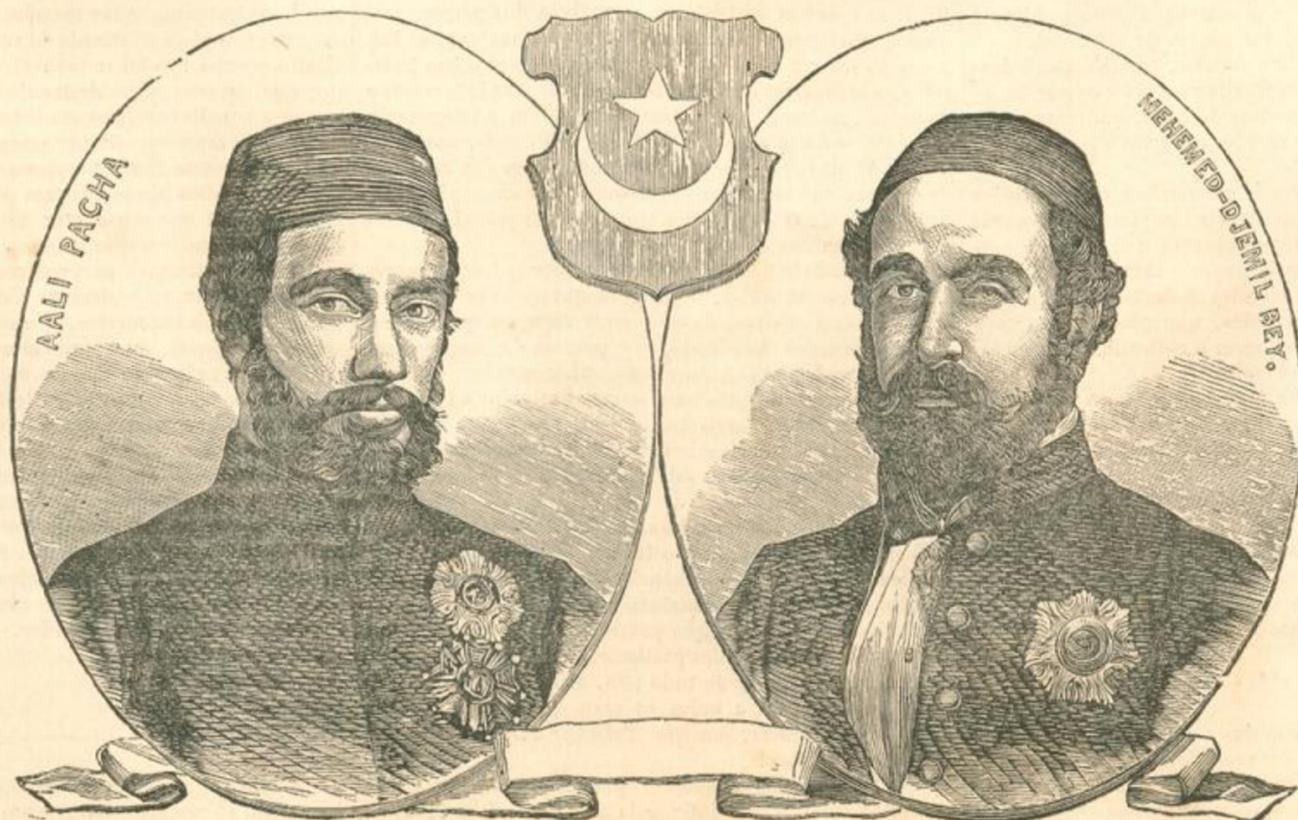
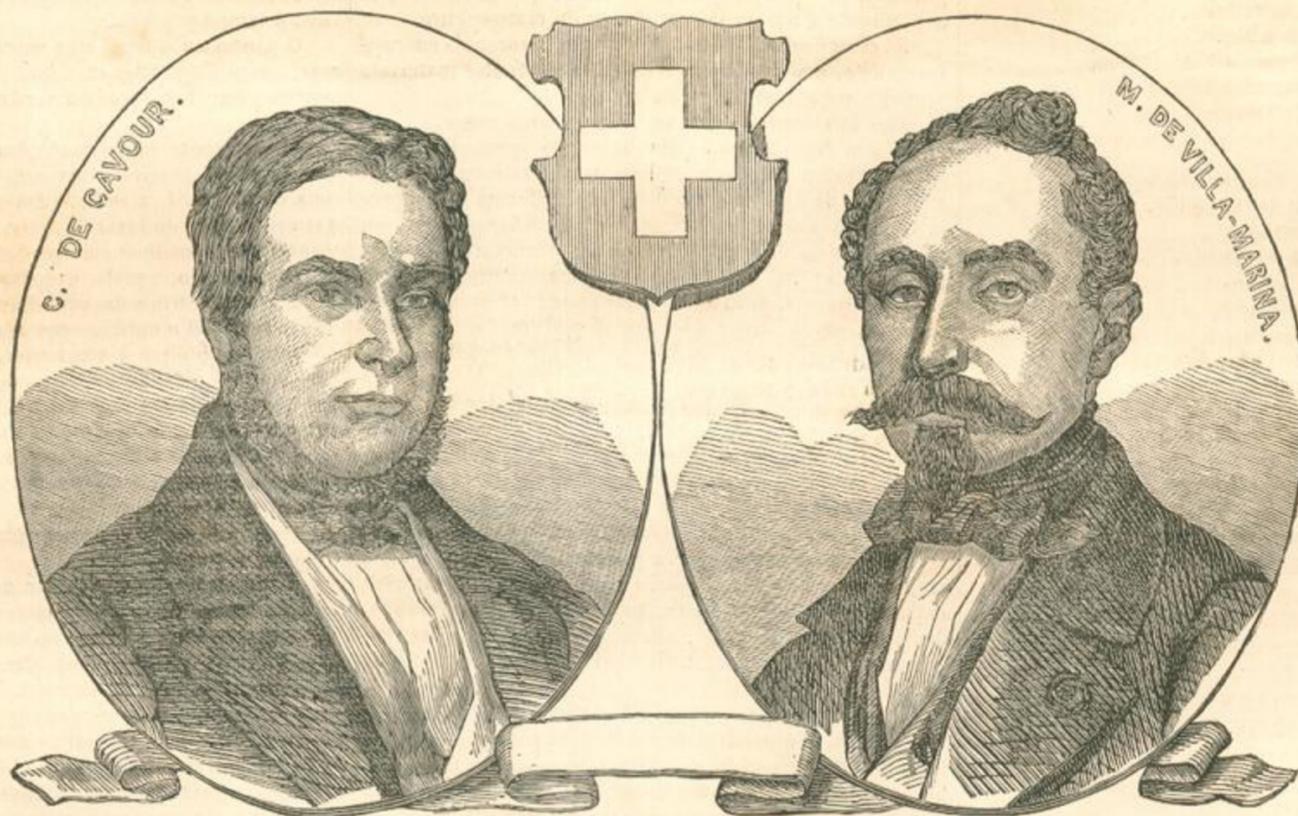
(Conclusão).

Os diplomaticos por parte da Russia eram o conde Orloff e o barão de Brunow. O conde Alexis Orloff ou Orlow, segundo a pronuncia russiana, nasceu em 1787 e pertence a essa familia, cujos membros a contar do Strelitz (1) que por sua presença de espirito salvou do cutello de Pedro Grande a vida, fizeram tão importante figura na historia do seu paiz. O actual conde encetou muito moço a carreira das armas e distinguiu-se nas guerras contra a França; feita a paz, foi ajudante de campo do principe Constantino e depois commandante de um regimento da guarda.

Na revolta de 1826 quando resoaram os gritos de « morra Nicolau! viva Constantino! » Orloff acudiu com o seu regimento a proteger o czar; postado de frente do palacio imperial, expediu a sua cavallaria contra os insurgentes, já rareados pela artilheria e acabou de os derrotar. Este serviço capital adquiriu-lhe completa privança com o imperador. Elevado á patente de general, fez a campanha de 1828 a 29 contra os turcos, e negociou depois, ou para melhor dizer, impoz o tratado de Andrinopoli. Quando a Polonia se levantou pela independencia, foi mandado em junho de 1831 ao quartel general do feld-marchal Diébitsch a fim de estudar as disposições do exercito.

Em 1832 o conde Orloff assistiu ás conferencias de Londres, onde advogou sem resultado a causa do rei da Hollanda. Em 1833, no momento em que o vencedor de Koniah instava com o sultão, sobreveio o diplomata russo e celebrou um tratado favoravel ao seu governo, o de Unkiar Selessi, que fechava

(1) Os sterlitz, isto é, atiradores, compunham um corpo de infantaria russa que fornecia a guarda imperial e montava a 40-000 homens; gozavam muitos privilegios de que abusavam, e revoltaram-se varias vezes; a sua ultima sublevação pelos annos de 1705 contra Pedro o Grande foi causa de se aniquilar completamente este corpo



o Bosphoro e os Dardanellos aos navios de guerra das outras nações, excepto a Russia. Em recompensa o negociador foi despachado general de cavallaria e membro do conselho d'estado.

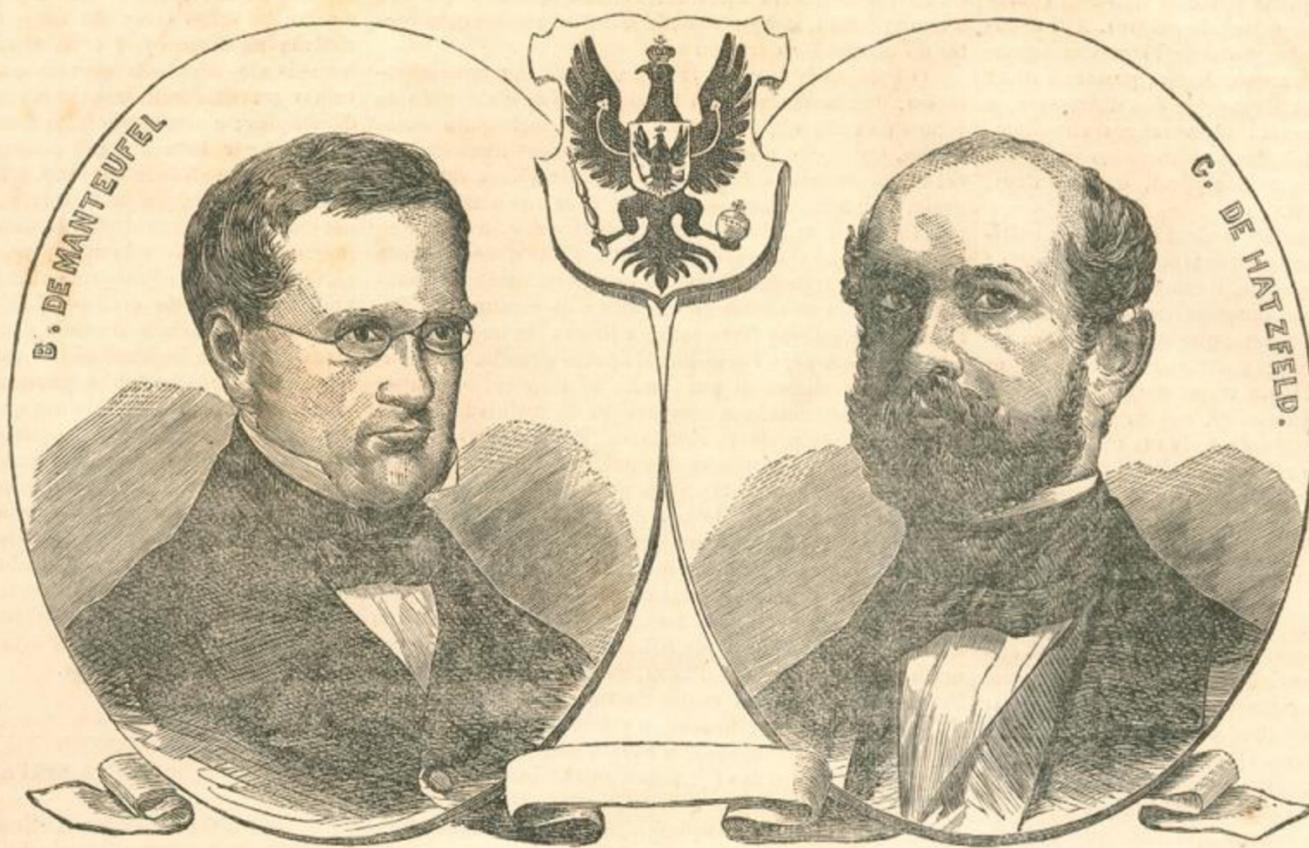
Assim que assomaram os acontecimentos, cuja solução foi confiada ao congresso de Paris, o conde Orloff recebeu a missão de enunciar em Vienna o pensamento de seu amo; obtendo audiencia particular do imperador Francisco Jose, não alcançou, comtudo a cooperação activa da Austria, encontrando n'este ponto a firme opposição do conde Buol; não foi mais feliz fazendo outra proposta, a de uma liga de neutralidade entre a Austria, a Prussia e a confederação germanica.

Obarão Philippe de Brunow, nasceu em Dresda a 31 d'agosto de 1797, e recebeu em Leipzig uma educação inteiramente allemã. Em 1818, por occasião do congresso de Aix-la-Chapelle, entrou ao serviço da Russia, e foi addido ao conselheiro d'estado Stourdza, seu protector para a redacção de um projecto de codigo civil destinado á Bessarabia. Assistiu aos congressos de Tropan e de Laybach, foi secretario d'embaixada em Londres, teve parte no congresso de Verona, e desempenhou posteriormente cargos administrativos em S. Petersburgo; mais tarde acompanhou o governador de Odesa, conde Woronzow e combateu em 1828 e 1829 contra os turcos. Tendo sido official redactor no ministerio dos negocios estrangeiros ás ordens do conde de Nesselrode, representou o seu governo junto ás cortes de Stuttgart e Hesse-Darmstadt em 1839. Por occasião entre o sultão Mahmud e o vice-rei do Egypto Mehemet-Ali, mr. de Brunow foi enviado a Londres, e ali depois de algumas alternativas de revezes e de vantagens, conseguiu a celebração do tratado de 15 de julho de 1840, que associou a Inglaterra á politica russa e quebrou sua alliança com o governo francez. Em 1849 novo triumpho do diplomata moscovita, por quanto levou a cabo um tratado de commercio

entre o seu governo e o gabinete de S. James. Ao termo de quatorze annos de residencia em Londres, mr. de Brunow, surpreso pelos acontecimentos de 1853 a 54 teve de interromper os habitos contrahidos em tão longa carreira diplomatica junto da mesma corte: pediu seus passaportes em 2 de maio de 1854 e logo no seguinte dia safou de Londres. É notorio o perfeito conhecimento que possui dos negocios; tem-se achado envolvido em todas as outras grandes questões europeas dos nossos dias, taes como a abolição do trafico da escravatura, a successão ao throno da Grecia, e idêntica que se debateu na Dinamarca.

Sob pretexto de vigiar o equilibrio europeu e de preservar a unidade da monarchia dinamarqueza, a Russia achou então meio de assegurar para si direitos á posse eventual do Sund, e de obter uma cadeira no recinto da confederação germanica: Mr. de Brunow teve grande parte na conquista d'estes resultados.

Os plenipotenciarios do rei da Sardenha foram o conde de Cavour e o marquez de Villamarina. Camillo, conde de Cavour, nasceu em Turin, aos 14 de julho de 1809: seu pai, que fizera felizes especulações, foi elevado á dignidade de conde pelo monarcha Carlos Alberto. Iniciado desde a adolescencia nas questões economicas, Camillo Cavour fundou em Turin de sociedade com Balbo, o jornal Risorgimento, em que tratou brilhantemente a parte relativa á economia politica. Desde essa epocha declarou-se partidario do systema da livre troca, cuja theoria tentou realisar, á imitação do grande ministro inglez Roberto Peel, assim que subiu ao poder. Eleito deputado em 1849, Mr. Cavour tomou assento na opposição moderada, da qual o fizeram chefe da sua oratoria e conhecimentos. O rei chamou-o primeiramente para o ministerio do commercio e agricultura e depois para o da fazenda. As suas doutrinas economicas encontravam naturalmente vivissima opposição, e tiveram de malograr-se a principio; no entanto restabeleceu a regularidade na fazenda do estado, desordenada pelas complicações em que a metteram os projectos do fallecido monarcha. Tendo dado a sua demissão em 1852 em virtude de dissidencia n'algumas opiniões com seus collegas o marquez d'Azeglio e mr. de Floresta, voltou aos negocios publicos pelo apoio da maioria parlamentar e substituiu mr. de Azeglio na presidencia do conselho. Na administração interna applica presentemente o seu systema do livre commercio e não ha indício, algum de que esse systema seja contrario á prosperidade do paiz. Nos negocios do exterior, o ministro da Sardenha não podia deixar de associar-se á politica das potencias alliadas. Quando em 26 de janeiro de 1855, veio propor á camara dos deputados que o Piemonte entrasse na allianca occidental o conde de Cavour proferiu estas generosas palavras. «O caminho do oriente é conhecido da cruz de Saboya e de Genova; ambas mostraram victoriosas u'esses plainos que veem reunidos u'um só estandarte as nossas côres nacionaes; collocada no meio, entre as gloriosas bandeiras da França e da Inglaterra, a nossa manifestar-se-ha di-



dinario nas conferencias de Vienna. Aali-pachá é um dos homens mais illustrados da Turquia, e possui em subido grau o conhecimento das necessidades do paiz, cuja administração lhe foi commettida. — Mehmed-Djemil-bey chamado com Aali-pachá a tomar parte no congresso de Paris, tem tido menos ingerencia que o vizir e Rechi-pachá nos acontecimentos que n'estes ultimos annos modificaram tão profundamente o imperio ottomano; porém, é do numero dos homens esclarecidos que conhecem que só a reforma dos abusos, e a regeneração progressiva, mas fundamental, da Turquia podem mante-la na cathedra das potencias europeas. Mahemmed representava o divan em Paris.

Depois de entabladas e progredirem as negociações entrou a Prussia nas conferencias,

sendo a isso convidada não para negociar a paz (segundo se exprimiu lord Palmerston no parlamento,) mas para concordar no resultado do congresso. Os seus plenipotenciarios foram o seu embaixador em Pariz, conde de Hatzfeldt, e o presidente do conselho prussiano e ministro dos negocios estrangeiros, barão de Manteuffel.

Este ultimo, homem d'estado bem conhecido, nasceu a 3 de fevereiro de 1805, estudou na universidade de Halle, dedicando-se especialmente á jurisprudencia e economia politica. Em 1829 foi empregado na secretaria dos negocios da fazenda em Berlim, e successivamente subiu em cargos até ser despachado em 1845 conselheiro d'estado. Depois da revolução de 1855 teve a pasta dos negocios do interior, quando o conde de Brandeburgo foi encarregado de formar um ministerio; em 1850 o barão Manteuffel alcançou os logares que hoje occupa; serviu nas conferencias de Vienna e em todas as questões diplomaticas em que a Prussia tem intervindo: é homem de principios moderados, e de grande tino politico.

gna de tão valentes companheiros.» — É constate que as tropas sardas corresponderam a esta confiança.

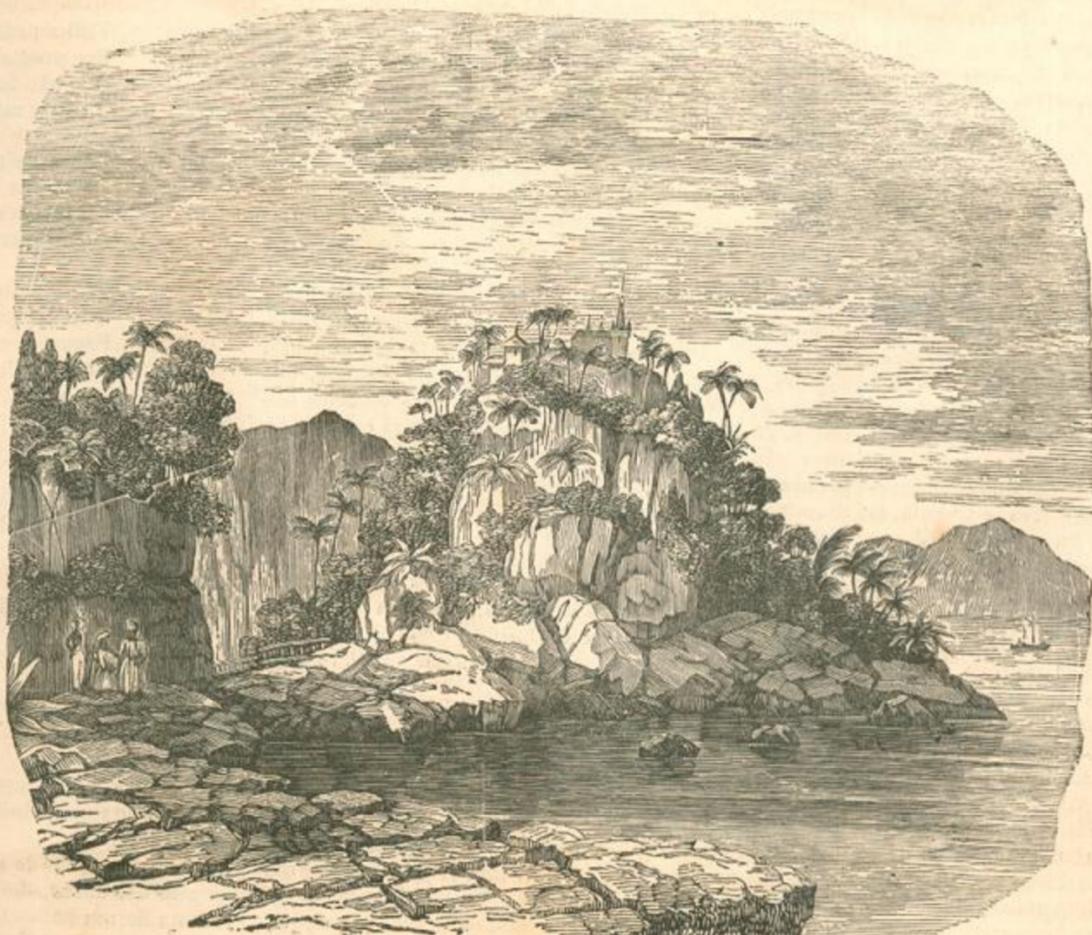
O marquez de Villamarina é filho do conde Pés de Villamarina, que figurou importante e vantajosamente nos negocios do seu paiz. M. de Villamarina tinha a patente de coronel quando foi nomeado embaixador em Florença, onde constantemente soube fazer respeitar o seu governo e defendeu a causa da liberdade italiana. O marquez contribuiu para o progresso dos estudos historicos na Italia, fornecendo ao marquez Gualterio os documentos necessarios para a „Storia dei risorgimenti italiani“.

Os plenipotenciarios ottomanos foram Aali-pachá e Mehmed Djemil-Bey. O primeiro, tendo exercido o cargo de grão-vizir, tomou a pasta dos negocios estrangeiros em 1854; em 7 de setembro do mesmo anno lhe foi dirigido o hatt-i-cheriff, que tinha por objecto completar a reforma começada pelo memoravel acto de Gulhané em 1839; no mez de junho de 1855 substituiu no viziriato Rechi-pachá, a esse tempo embaixador extraor-

VIAGENS

ILHAS DOS AÇORES.

Fayal demora tres milhas ao noroeste do Pico. A ilha conta nove leguas de comprimento de leste a oeste, e quatro de largo, exhibindo por toda a parte vestigios volcanicos. Tem muitas e altas montanhas, a mór parte ferteis e susceptiveis de cultura, separadas por bellas planicies, bem cultivadas, e mui elevadas sobre o nivel do mar. Para o sul e sudoeste se vai a ilha insensivelmente aplanando, e é aqui que se vêem os mais bellos campos. Nas partes que são de grande declivis, uniram o terreno em terrassos, sustidos por muros de pedras: perderam em verdade na extensão quadrada, mas em compensação ganharam nas vantagens da planicie. A terra é bem cultivada, e produz milho e sevada, que em muitos partes cresce á sombra de soberbos soutos: colhem trigo, frutas, aboboras, batatas de excellente qualidade, e em quantidade excedente ás precizações da ilha. Muitas vezes de muitas destas produções obtêm duas colheitas. As quintas dão em abundancia divezas especies de laranja e cidra. As



Convento de Nossa Senhora da Boa-Viagem — Rio de Janeiro.

laranjas do Fayal não tem geralmente a agradável docura das de san-Miguel, mas quando desta ilha ou d'outra dos Açores lhe levam plantas, não degeneram lá: desde algum tempo têm tomado grande cuidado em obter boas especies. Só uma mui pequena parte da ilha está coberta de bosques, e não é susceptível de cultura. Alli se encontram muitas de myrtho no meio de alamos mui grossos e faias magnificas, cujo nome, dizem, passára á ilha: acham-se alguns pinheiros da especie dos d'America, e carvalhos que alli plantaram: os morangos abundam. Todos os caminhos são bordados e sombreados por grandes arvores: de cada lado se succedem, uns a outros, campos, jardins, e pomares.

Um paiz de pouca extensão, e alem d'isso bem cultivado não pôde nutrir grandes quadrupedes selvagens; por isso não ha ali senão coelhos, e ratos. D'entre os passaros silvestres, os pombos, canarios verdes, e melros, são os mais numerosos; os açores, que ao archipelago deram nome, desappareceram; Forster diz que ainda os viu. Finalmente no Fayal ha a maior parte dos animaes domesticos da Europa: os cavallo, e mús, são como coizas de luxo, cujo uso é reservado a alguns ricos; os bois são pequenos mas fortes e robustos. Não fabricam manteiga de vacca equivalente ás necessidades da ilha: não cultivam as oliveiras, e o azeite é caro: fabricam pouco queijo: os carneiros são de pequena especie e raros; a lã é fina mas pouco abundante: as cabras são ainda em menor numero: mas em compensação ha na ilha grande quantidade de porcos de excellente raça ingleza. É de todos os animaes domesticos, o que faz o principal alimento dos habitantes, e que elles criam e engordam com o maior cuidado. Ao principio não só os mandam pastar no campo, mas depois dão-lhes milho, o que lhes faz adquirir prodigiosa gordura. O seu toucinho, com razão olhado como bocado delicado, é frequentemente servido nas primeiras mezas. Por causa do calor cortam-lhe todos os annos as sedas e o cabello. As aves que os campones criam em grande numero, para si e para vender na villa, são de especie grande e excellente.

O Fayal não tem ribeira continua. Algumas vezes caem grandes torrentes do alto das montanhas, mas seguem leito desde muito tempo acostumado, e raramente causam estragos. A agua, que fica no fundo das ravinas, é ao menos no inverno, quanta é necessaria para a lavagem. Alem disso a ilha tem pozos, e uma fonte que satisfazem ás necessidades dos habitantes, e que vem d'um valle, ou melhor d'uma cavidade situada no alto d'uma montanha. As paredes desta cavidade, que tem perto de duas leguas de circunferencia, descem uniformemente em doce inclinação, e estão cobertas de boas pastagens, onde andam carneiros quasi selvagens, inda que pertençam a particulares: tambem ali se acham muitas codornizes e coelhos, e no fundo um lago d'agua fresca, cuja profundidade, dizem ser, por toda a parte, de quatro a cinco pés. Esta cavidade chamada *Caldeira*, parece por sua forma, ser a cratera d'um antigo volcão, e isto é tanto mais provavel quanto é certo haverem muitos volcões nos Açores.

O litoral é muito desigual; aqui abaixa-se em insensivel inclinação; ali é areento, mas quasi sempre guardado de rochedos, que se estendem muito pelo interior. Noutras partes, é a costa alta e escarpada, ora perpendicular como um muro, ora excavada de cavernas altas e profundas; uma das quaes me chamou a attenção. A entrada se formava d'abobada com perto de cincoenta pés d'alto; depois ia abaixando; aberturas lateraes lhe reuniam outras abobadas menores, o que formava um portico respeitavel. Parecia ser originado do mar, que lhe levasse as camadas inferiores de arca, terra, e seixos, deixando-lhe só enormes massas de rochas, formando pilares, e camadas de lavas que por occasião de erupção vulcanica tivessem coberto o rochedo. Via-se ainda distinctamente, que a lava descera das montanhas, hoje quasi inteiramente recobertas de terra, e correrá até ao mar.

Na extremidade sueste do Fayal, e em frente do Pico, entre duas altas montanhas, duas milhas distantes uma da outra é a costa plana, e faz uma bahia semicircular, que tem de largo duas milhas, e entra pela terra uma: é este o grande porto do Fayal, unico refugio dos grandes navios. No meio d'esta bahia assenta a unica villa da ilha (hoje cidade da Horta). Ao occidente da extremidade sudoeste da villa, (parte d'qual se estende até lá, ha para navios pequenos um porto chamado Porto-pim, (Porto-pedra lhe chama Cook) que não é separado do grande senão por uma estreita lingua de terra, baixa, e areenta. O porto grande é bem abrigado pelo Pico, mas São Jorge lhe fica mui distante, de sorte que ventos sul e sueste lhe atiram para dentro da bahia, com violencia sem igual, enormes vagalhões. O ancoradouro é bom, com fundo de vinte braças, que vae diminuindo até seis. É mais seguro receber piloto que nol-o indique, porque perto de terra ha rochedos, principalmente na extremidade sudoeste, e por dentro da linha que vae d'uma a outra ponta da bahia. Os navios mercantes, que n'este porto entram para carregar ou descarregar, ancoram sempre com quatro ou seis amarras, das quaes parte lhes é pelos habitantes alugada a razão d'uma piastra (pezo duro hespanhol, equivalente a 1:200 réis insulanos) por vinte e quatro horas: elles arream mastros, amainam vergas e tudo que pode prender o vento; mas a despeito de todas estas precauções, é-lhes difficil, por causa do grande mar, resistirem a tempestade forte.

A operação de carregar ou descarregar é mui lenta. Para embarcar uma carregação de vinho é ao menos preciso um mez (*exageração*) e algumas vezes esperam muitos, sobretudo se o vinho vem do Pico ou de São Jorge. Os navios de guerra ancoram na abra exterior. Quando o tempo é mau, sempre se-pode sair d'esta bahia com ventos do quadrante norte ou sul.

O Porto-pim é, como já disse, para pequenas embarcações, de cincoenta a cem toneladas. Não é abrigado de ventos de sudoeste, e não tem fundo proprio para ancoragem. Os navios são amarrados a argolões fixos em terra. Se os obrigam a demorar-se certo tempo, os varam na praia, por meio d'um cabrestante, para que o mar os não possa prejudicar. Entretanto algumas vezes succede, e eu fui testemunha d'um triste exemplo d'este genero, que o mar nas tempestades, ultrapassando seus limites ordinarios, arrebatou os navios enclachados e os escangalha. Facilmente se pudéra fazer sobre a lingua de terra estreita e baixa que separa Porto-pim do porto grande, uma muralha, que fechasse ali um canal: as despezas seriam de pouca importancia, em comparação da utilidade que da execução d'este projecto resultaria. Poderiam as embarcações, quando a violencia das tempestades augmentasse gradualmente, ser aladas d'um para outro porto, porque cada um está a abrigo de ventos absolutamente oppostos. Pudéra mesmo fazer-se uma caldeira em cada um dos portos, salvo se a extrema força do mar em mau tempo é obstaculo invencivel a estas obras.

Um capitão portuguez assegurou a Cook, que a perto de meia legua ao sueste da bahia, havia um rochedo coberto de vinte dous pés d'agua, sobre o qual o mar quebrava com os grandes ventos do sul; acrescentando que de todos os escolhos, bancos, e vigias indicadas nas cartas e livros de navegação, á roda d'estas ilhas, só havia marcados os baixos das Formigas, entre São Miguel e Santa Maria; dizendo enfim que do Fayal ás Flores iam quarenta e cinco leguas de distancia, e que entre Fayal e Pico se sentia forte corrente.

A vista de Porto-pim, só nós offerece más cabanas, habitações de pescadores, de jornaleiros, ou de mulheres infelizes: o districto circumvisinho é o mais pedregoso e esteril da ilha: montanhas negras e medonhas povoam o horizonte. Pelo contrario a vista do porto grande, apresenta a villa em amphitheatro, com suas mais bellas habitações, egrejas, e edificios publicos: logo á roda lhe ficam lindas casas de campo, cercadas de magnificos pomares de laranjeiras; mais além altas montanhas cultivadas; a oeste a ilha do Pico, com seu magestoso volcão; o mar entre as duas ilhas; e na visinhança as ilhas de São George e Graciosa. Vista de variedade encantadora! Tanto a grande bahia apresenta aspecto triste, se nuvens sombrias e espessas cobrem tudo, á excepção do mar e dos rochedos negros: quanto é magestosa e encantadora se faz bom tempo e ar sereno.

Em muitos logares da bahia, isto é ao norte da villa, e ao sul d'um castello levantado quasi no meio sobre rochedos, o litoral é de area mui fina. Ordinariamente desembarca-se sobre os rochedos baixos ao pé do castello, ou quando faz mau tempo na praia d'area que está ao sul. A villa é defendida do lado do mar, por uma muralha de pedra da altura de trinta a trinta e cinco pés, que tambem servia para nivelar o terreno superior, impedir as usurpações do mar, e proteger a villa d'ataque de inimigos. Independentemente d'esta muralha, que tem duas portas; do forte e d'alguns reductos em ruinas, não tem nenhuma outra fortificação, e é inteiramente aberta do lado terra. O mais que o Fayal, tem para defender-se é a coragem de seus habitantes. O forte ou castello onde estão as unicas peças, da ilha em estado de servirem, não é senão uma pobre fortificação; e quando mesmo estivesse abastecido de munições de guerra, não estava em estado de resistir muito tempo a um navio de setenta e quatro peças. As potencias maritimas da Europa habituaram-se o olhar esta ilha como possessão de pouca importancia, e Portugal nuca julgou a propósito fazer despezas para defendel-a.

A villa, dita da Horta, é bem situada; eleva-se em amphitheatro na encosta d'uma colina levemente inclinada, e estende-se por milha e um quarto de comprido. Egrejas, conventos, e o antigo collegio dos Jesuitas, que é vasto e bem situado, são seus principaes edificios publicos. Não tem praças nem mercados, tem já e por assim dizer não tem mais que uma só rua em todo o seu comprimento, cortada por ruas tortuosas, mal calçadas, e não illuminadas de noite. No centro da villa e no campo as casas são continuas umas com outras; noutra divisão tem a maior parte páteos com fontes; e na extremidade occidental são cercadas de jardins e pomares de laranjeiras com o que se liga a villa ao campo pittoresco que a cerca. Ao sul, descendo para Porto-pim, estão dispersas habitações miseraveis, e o solo d'entre ellas conserva a esterilidade primitiva.

As casas na villa e no campo são construidas d'uma pedra porosa, que nas pedreiras se separa por si mesma em partes chatas. Não creem muito na solidez das paredes de tijolo, nem que nos tremores de terra estejam menos sujeitas a fenderem-se. As casas da villa tem tres andares, comprehendendo o primeiro pavimento: muitas são de architectura simples, mas elegante. As varandas ou são abertas, ou fechadas de ralos, de modo que neste segundo caso podem as mulheres ver quem passa, sem serem vistas. As casas das aldeas tem alem do pri-

meiro pavimento um andar, mas não são caiadas. As habitações dos pobres não são mais que choças baixas construidas de pedra secca, cujas paredes raramente abrigam da chuva ou vento. Os tabiques são feitos geralmente de esteiras de cana, que cresce em abundancia nos montes, e serve de sebes vivas. As casas dos ricos offerecem variedade na disposição, e na mobilia. Os aposentos dos homens são simplesmente caiados, e ornados d'algumas velhas gravuras francezas; mas os das mulheres tem mais decorações; e ainda que haja ricos cujas habitações annunciavam por toda a parte penuria, sabem geralmente unir a commodidade ao luxo, á riqueza, e ao gosto no arranjo e guarnição da sala da recepção. Um dia achei-me em circulo encantador de damas n'uma sala d'espeelhos: o pavimento era da mais preciosa madeira e os moveis antigos castellos de França. N'uma antecâmara está sempre um forte piano, de ordinario inglez, instrumento absolutamente necessario á educação das meninas do Fayal. Em casas mesmo de inglezes são as chaminés desconhecidas. Nas janellas não ha senão pequenos postigos, e no campo reina a maior economia nos quartos e moveis, mesmo dos mais ricos negociantes: paredes caiadas, pavimento ladrilhado, cadeiras de pau mui simples, janellas que nem sempre garantem do vento, portas que mal fecham, eis o que compõe toda a magnificencia interior d'uma casa de campo, cujo dono é millionario. O rico emprega o gosto de amador, e o seu dinheiro, em ornar o exterior da sua casa de campo, em fazer cisternas, jardins, repuchos. Algumas destas habitações merecem a attenção dos estrangeiros, tanto a arte e a natureza parecem concertadas a embellece-las.

Continua.

J. DE TORRES.

A UMA SEIFEIRA.

Os versos que vou cantar
São para ti linda Seifeira
E em prova do teu amor,
Hades cantal-os na eira,

Ás tranças do teu cabello,
Presa está alma me ficou
A liberdade que tinha
Um olhar teu m'a roubou.

Sentia forte bater,
O coração apressado,
Quando me olhavas travessa
Com esse olhar namorado.

Se depois a muitos rogos
Vinhas com migo bailar,
Era feliz esse dia,
Oh! meu anjo tutilar.

Porém se adeus te dizia,
Do coração magoado,
Se tu me não respondias
Como eu era desgraçado!

Que promessas me faria,
Que de juras eu jurava!
Mas logo no outro dia,
Todas as juras quebrava!

Vinha pedir-te, rogar-te,
Em prantos quasi desfeito,
Que não fosses tão travessa,
Que me rasgavas o peito.

Porém se tu condoida
Da minha sincera dôr,
Me lançavas n'um olhar
Uma esperanza d'amor.

Era tão feliz seifeira,
Que em paga d'esse olhar teu.
Esquecia os dons da terra,
Nem me lembrava do cen.

E. A. CALAS.

VISTA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO.

A bahia do Rio de Janeiro offerece aos olhos do viajante um admiravel espectáculo.

Uma ampia bacia de vinte e cinco a trinta legoas de circunferencia, abre para todos os lados horizontes ricos de variedade.

Nas suas margens erguem-se numerosas villas, cujas casas, brancas e graciosas, se debruçam a espelhar-se nas agoas.

Cascatas, cujas torrentes espumosas se precipitam no mar do alto dos rochedos, perturbam os ares com um doce murmúrio.

Uma multidão de ilhotas, vergeis de verdura e flores, surgem das ondas, deixando ver os edificios da cidade e a cortina de um baluarte.

Por cima de tudo isto, um céu sempre azul e sereno,

do qual se destacam ao longe, em tons vaporosos, magestosas montanhas.

Ao largo vêem-se numerosos navios de todas as nações, mercantes e de guerra, e infinitos barcos de uma construção ligeira e exótica, que navegam em diversas direcções, dirigidos por negros ou soltando as velas aos sopros variáveis da viração da tarde.

O convento de Nossa Senhora da Boa Viagem corôa uma altura visinha das villas da Praia-Grande e de S. Domingos, sobre a margem oriental da bahia.

Vista da terra, a montanha apparece na fórma de um conjunto de grossos penedos de rocha viva, semeada de palmeiras e coqueiros que germinaram e se desenvolveram ao sabor da natureza por toda a parte onde encontraram uma porção de terra vegetal.

O mosteiro está como sepultado no seio da sombra e dos macissos de verdura.

De longe, avista-se unicamente o campanario, e parte dos muros alvejantes a erguerem-se acima dos arvoredos e destacarem do azul escuro do firmamento.

A cidade estende-se á esquerda, á entrada da bahia, n'um sitio delicioso.

Para chegar até lá, os navios passam ao alcance dos fortes de Santa Cruz, da Lage, e de Villegaignon. Vistas da ancoragem as casas parecem regulares; e numerosos edificios publicos se erguem de todos os lados, de aspectos variados, de construções mais ou menos pittorescas.

Tres collinas, bem distinctas, desenhavam a fórma da cidade. São: á esquerda, o morro do castello onde se vê a escola de medicina e uma antiga igreja em ruina; á direita, o bello convento de S. Bento; e no centro, o palacio do arcebispo.

O aspecto geral é alegre: macissos de verdura, virentes e matizados, dão realce ás construções. O movimento do caes e do porto annunciam uma cidade rica, activa e commerciante.

Mas entremos por hoje, na capital do imperio brasileiro. É das suas perspectivas, das riquezas vegetaes e pittorescas dos seus arredores, que queremos aqui dar uma idéa rapida.

Sahi da cidade ao despontar da aurora e tomae direito ao aqueducto ou na direcção do Corcovado. Uma linda estrada, em declive, bordada de um lado por balseiras e do outro cortada de cannaes, se alonga a perder de vista.

Depois de alguns instantes de marcha, os vossos olhos dominam as copas de arvoredo, e o horisonte do mar, com todas as suas ilhas que surgem á entrada da bahia, tão diversas e numerosas, apparece em toda a sua amplitude.

Lá em baixo, mais ao longe, avista-se o gracioso sitio da Gloria, cujas elegantes e vistosas casas de campo estão como entalhadas entre molduras de folhagem e flores. Á direita, distingue-se o monte do Pão de Assucar, sentinella avançada que protege a encada do Bota-Fogo e dá um caracter mais grave a este panorama.

Mais longe, enxerga-se a capital, com os seus infinitos campanarios e torres, agrupados ou dispersos, brilhando aos primeiros raios do sol, e o fundo da bahia toda inundada de mil e prismaticos jogos de luz, d'entre os quaes se ergue pouco a pouco, ranando a nebrina da manhã, que envolve os cimos vaporosos dos pincares da serra.

O ar é fresco e suave. As folhas dos coqueiros e bananeiras sacodem grossas gotas de agua, onde a luz se refrange em mil reflexos.

Uma doce brisa sopra da terra, brincando ligeiramente com toda esta natureza tão esplendida e poetica, aromatizando o ar de suaves emanações.

Todavia, bem depressa o caminho se modifica de infinitas e estranhas maneiras: ora serpeia pelo fundo de um vale, ora galga até ao cimo de uma collina.

A cada momento, novas bellezas e novas perspectivas se apresentam a vossos olhos.

Da assentada dos montes, do mais elevado da crista da montanha, vê-se o valle das Lorangeiras e o palacio de S. Christovão.

Neste sitio, o viajante acha-se como por encanto estreitado no seio de uma garganta alpestre: é uma espessa selva, impenetravel á vista, onde as plantas da America brotam e crescem umas sobre as outras, enlaçando-se agrupando-se, confundindo os seus perfumes, misturando as suas flores, entreteendo a sua folhagem, formando os mais artisticos contrastes de cores.

Alli se balançam, erguendo-se no cimo esbelto de uma palmeira, corollas de puro azul; acolá alvejam calices de neve sobre as bordas negras e profundas de um precipicio.

De tempos em tempos, um raio de sol atravessa toda esta escuridão, e vai disparar um foco de luz sobre as agoas de um riacho ou reflecte as cores do prisma nas azas de um colibri.

Á medida que o viajante avança, o aspecto deste desfiladeiro torna-se mais selvatico; os precipicios multiplicam-se.

A todo o instante é necessario saltar por cima de troncos enormes, e de fendas profundas, no seio das quaes brame uma torrente furiosa ou se despenha com um fragor medonho.

Arvores gigantescas elevam a copa frondosa á altura de vinte metros, entreteendo-se estreitamente.

As plantas trepadeiras mais graciosas, esmaltadas de

flores, sobem e crescem no longo destes colossos, formam festões, pendem e se balouçam ao sabor da aragem, misturando-se e descendo á terra para ahi tomarem raiz.

Do meio de todo este gracioso labyrintho surdem elegantes palmeiras, agitando suavemente o seu penacho. Emfim, uma serena obscuridão envolve todos os objectos.

É um sitio encantado, que tem por céu uma abobada de folhagem, e por musica o vento que murmura e suspira na floresta, e os estallos das vergontes dos bambus e os uivos dos tigres.

Come se não hade sentir o viajante tomado de admiração á vista de todas estas maravilhas que encantam a cada passo!

Que são as nossas paizagens da Europa, miniaturas da natureza animada, ao pé destas audazes combinações em que a criação vegetal se produz e desenvolve com todo o vigor, com toda a força da seve e arrojio da vegetação dos tropicos?

É aqui, e só aqui, onde ainda o poeta encontra esses quadros da natureza primitiva, que elevam a idéa a toda a altura do poder do seu Creador.

Em face das florestas da America não se póde ser atheo nem deixar de ser poeta.

Aquelle espectáculo magestoso e solemne, engrandece e exalta a phantasia, e eleva o espirito ás mais altas concepções que aproximam o homem da Divindade.

ANDRADE FERREIRA.

POIS SER PALLIDA É DEFEITO?

Pois ser pallida é defeito!?!...
E co'a mão coração,
Jura que a todo o respeito
Um rostosinho *desfeito*
Não pode inspirar paixão!

Ora diga,— a rosa é bella
Quando o sol lhe accende a cor;
É bella sim,— mas ao vel-a
Desmaiar n'aste singella,
Não lhe inspira mais amor?

Viçosa, fresca, orvalhada,
Ao romper d'alva seduz,
Mas á tarde desmaiada,
Na pallidez namorada,
Quantos affectos traduz!

Está convencida — vejo,
Deveras não, inda não?...
Pois se é todo o seu desejo,
Ser córada dê-me um beijo,
E verá se córa, ou não!

Não occulte o rosto lindo,
Deixe-o ver, descubra-o lá...
Aposto que vai sentindo...
Aquelle rubor subindo,
Ai, como córada está!!

N'este espelho, olhe-se agora,
Veja bem que linda cór;
Quando nasce a fresca aurora,
A luz que a face lhe cora
Não tem mais vivo fulgor!

Surri-se a furto, bem vejo,
Esconde o rosto na mão;
Pois vamos agora, um beijo
Quem cumpriu o seu desejo,
Não merece... diga, não?...

Agosto de 1851.

BULHÃO PATO.

VIAGEM D'ELREI O SENHOR D. PEDRO V

ÁS PRINCIPAES CORTES DA EUROPA NO ANNO DE 1854.

(Continuação.)

No dia oito de tarde teve logar no palacio de S. James um beijamão da córte, que foi muito concorrido, e a que assistiram sua magestade o rei de Portugal, e o senhor infante, acompanhados de sua comitiva. A rainha Victoria, e o principio Alberto, levando em sua companhia a elrei e ao serenissimo senhor D. Luiz entraram na casa do throno, seguidos, em grande estado, dos dignatarios da corôa, e dos altos diplomatas estrangeiros. Durante a recepção o senhor D. Pedro V e seu irmão estiveram em pé á esquerda de sua alteza real o principe Alberto. Elrei vestia a farda de marechal-general portuguez, e usava do grande collar da ordem da Torre e Espada, e as grã-cruzes das tres ordens militares do reino. Sua alteza o senhor infante, duque do Porto, appareceu com a farda de capitão-tenente da armada portugueza, e as condecorações das tres ordens. A comitiva de sua magestade Fidelissima estava presente, assistindo igualmente os condes

de Villa Real, e de Linhares, e o chefe d'esquadra barão de Lazarim.

Quando concluiu este acto, elrei e seu irmão, voltaram com a rainha e o principe Alberto ao palacio de Buckingham em carruagens do estado.

N'essa mesma tarde sua magestade britannica dando um jantar a elrei de Portugal, e ao senhor infante, reuniu sua alteza real, sua mãe, a duqueza de Kent, o duque de Newcastle, o embaixador portuguez conde de Lavradio, o ministro do Brazil, o lord de Palmerston, outros titulares, e a comitiva portugueza. A banda de musica das guardas de fuzileiros escocezes tocou durante o jantar varias peças e marchas.

De manhã elrei e seu irmão tinham visitado o Collegio Real de Cirurgia em Lincoln's-Inn-fields, e o Real Colosso (Albany street), e depois do que inspecionaram o modelo em Leicester-square, e o Club em Pallmall.

No sabbado dez, pela manhã, sua magestade, e o senhor infante fizeram uma visita á Manufacturaria do coronel Coll's perto de Vauxhall-bridge acompanhados do duque da Terceira, visconde da Carreira, e mais comitiva. Depois foram ver o estabelecimento de mr. Hancock:

Sucedendo que n'este mesmo dia, dez de junho, tivesse lugar a muito notavel e esplendida cerimonia da inauguração do famoso palacio de cristal em Sydenham, sua magestade o senhor D. Pedro 5.º, e seu irmão trajando o grande uniforme, saíram do palacio de Buckingham pelas duas horas da tarde, vindo em uma carruagem na companhia de sua magestade a rainha Victoria, e do principe Alberto, — e seguindo depois em magnificos trens a familia real, e a corte no maior brilhantismo.

Nesta solemnidade Elrei e seu irmão estiveram do lado direito da rainha, rodeados de quanto havia de mais illustre na Inglaterra. Ali viram essas ousadas invenções, manufacturas engenhosas, que formam todas as glórias da humanidade: ali gosaram esse novo Versalhes, onde, por assim dizer, se achavam reunidas todas as maravilhas do mundo, o superior talento da industria, o gosto, e a magnificencia das artes, que tanto attrahiam e surpreendiam a attenção.

A noite Elrei e o senhor infante foram com sua magestade britannica e o principe Alberto assistir á real opera italiana, levando o barão de Sarmento, coronel Folque e lord de Tabley. Depois o rei, e o principe Alberto honraram com a sua companhia o condé de Ross na sua residencia de Connaughtplace.

Elrei, e o senhor infante na segunda feira dose, depois do meio dia, visitaram em Regentstreet o Instituto Polytechnico. Á noute honraram o theatro Olimpico com a sua presença.

Na manhã do dia treze sua magestade e sua alteza, acompanhados do barão de Sarmento, cavalheiro Mello, coronel Folque, lord de Tabley, e coronel Wilde fizeram uma visita á fabrica de cerveja de mrs. Truman e Hanbury, em Spital-fields.

As quatro horas e cinco minutos da tarde elrei e o senhor infante, com sua magestade britannica, e o principe Alberto deixaram o palacio de Buckingham, partindo para o paço e castello de Windsor, onde, pelo grande caminho de ferro do occidente, chegaram perto das cinco horas da tarde,

Com suas magestades foi toda a familia real (1) e suas respectivas comitivas.

Depois da visita d'estado feita na quinta feira quinze pela rainha e seus hospedes a Heath, no dia deseseis, Elrei fidelissimo, com o principe Alberto inspecionaram a guarda real de cavallaria em Windsor, indo acompanhado do coronel Wilde, barão de Sarmento, e capitão Ross. A rainha Victoria, e suas altezas a duqueza de Cambridge, princesa Maria, e principes Arthur, e o senhor infante estiveram presentes, indo em carrinho descoberto, e os principes de Galles, e Alfredo a cavallo.

Neste mesmo dia teve logar o jantar de partida de Windsor: assistiram Elrei, seu irmão, a familia real britannica, os duques de Sutherland, de Wellington, o conde de Lavradio, muitos outros titulares, o duque da Terceira, visconde da Carreira, barão de Sarmento, etc. A banda de musica do regimento n.º 46 tocava varias marchas.

Sua magestade o senhor D. Pedro 5.º, e seu irmão largaram o Windsor no sabbado deseseite, pelas sete horas e tres quartos da manhã, e se dirigiram á Universidade de Oxford, a mais importante da Inglaterra, sendo ali recebidos pelo Vice-Chancellor, e pelo professor Wellesley sobrinho do fallecido duque de Wellington. Ao som de repiques de todos os sinos da cidade, dos applausos dos estudantes e do povo, sua magestade entrou e visitou os diversos collegios, bibliotecas e salas daquella universidade. Elrei conversou ali com os lentes, e mais notabilidades, que admiraram a maneira intelligente com que sua magestade discorria sobre todas as materias, sciencias e artes, que tem cultivado.

Concluida esta visita, que durou o dia inteiro, Elrei e o senhor infante, com sua comitiva, voltaram a Londres entrando aos vinte minutos depois das seis horas da tarde, no palacio de Buckingham, onde acabava de chegar sua magestade britannica e seu sequito, que tinha saído do Windsor ás tres horas da mesma tarde.

(1) Entre as pessoas da familia real se comprehendia o principe de Galles, a princeza real, os principes Alfredo, Arthur, e Leopoldo, e as princezas Alice, Helena, e Luiza.

À noite a rainha e o principe Alberto acompanharam sua magestade Fidelissima, e aosr. infante, á real opera italiana.

Continúa.

F. J. DA COSTA,

CHRONICA SEMANAL

A Iberia insinua-se sorratamente nos theatros da capital; em D. Maria II no repertorio, no Salitre em toda a representação, e no D. Fernando mais caracteristica alternando na mesma noite um e outro idioma. Entrai nos bastidores d'este ultimo e vereis os dous dialectos completamente confundidos. Falla-se lá dentro meio portuguez, meio castelhano; fizeram á lingua o mesmo que aos espectaculos, mesclaram-n'a, e ninguem falla já a sua, nem a alheia. Esperamos ainda ouvir escapar algum *usled* na representação portugueza.

O publico esse, comprehende metade, tira por consequencias outra metade e para se não enganar no juizo conclue sempre applaudindo.

La Toma de Granada, de Rubi, tem attrahido grande concorrência do Salitre, e os bellos trechos lyricos em que abunda este drama tem despertado entusiasticos applausos, Rubi é um bello poeta, o que já tinha revelado nas *Borrascas del Corazon*, onde tambem se encontram versos admiraveis. Todavia o poeta prejudica muita vez o author dramatico; arrebatado pelo fogo da inspiração rasga o vôo sem a medir pelas conveniencias scenicas, e sacrifica ao lyrismo e á perfeição da forma o interesse e a verosimilhança. Os seus personagens como os de Victor Hugo são mais filhos da imaginação de que do mundo em que viveram. Engrandecer o vulto que se apresenta não é um defeito dramatico, é mesmo um dever. Se não fosse assim em que se revelaria o talento do author? Mas esta liberdade tem limites; a verdade idealisa-se com tanto que fique ainda verdade.

Rubi pecca ás vezes na exaggeração poetica; alguns dos seus personagens são quasi visões, mas visões esplendidas apreciaveis n'um poema fantastico condemnaveis talvez na scena.

Quanto á execução o drama *La Toma de Granada*, foi apenas recitado; represental-o não era para as forças da companhia. Comtudo Romero, declamou com energia algumas tiradas, dando-nos ideia da valia e elevação daquelles versos. Vocação e talento dramatico só ali reconhecemos neste actor

Passando agora á companhia que está no theatro de D. Fernando, começaremos por dizer que se compõe de cinco figuras, sendo duas do sexo masculino e tres do feminino (valha-nos esta maioria.) Classificação artistica tambem muito secundaria. Ouvimos-lhe representar duas comedias *La Pena de Talion*, imitada do vaudeville francez *Une femme qui se jette par la fenetre*, e outra original hespanhola que nos não lembra o titulo, e cujo enredo é inverosimil e disparatado, mas as exaggerações hespanholas de que está cheio o dialogo provocam a hilaridade e prendem a attenção. O desempenho em ambas as peças foi mediocre.

Realizou-se o theatro de Pithiviers, das *Folies Dramatiques*, que tão bem retracta estas companhias ambulantes. A imitação da Gimblette, ha ali tambem uma actriz que desempenha todos os papeis, e na mesma noite vimol-a representar de *ingenua*, de lacaia e dansar os *boleros*. Estamos convencidos que tambem cantará uma *zarzuela*, se necessario fôr.

No theatro francez teve logar o beneficio de Charles Lemaitre. Representou *L'eclat de rire*. Este drama em que ha apenas uma intenção dramatica diluida em tres actos faltos de vida e movimento, não abona extremamente a escolha do beneficiado, cujos recursos não sequadravam com o genero do papel que preferio. No terceiro acto Charles Lemaitre foi applaudido, mais por sympathia benevola, do que pelo desempenho d'nma situação violenta e pouco propria para os verdadeiros effeitos de theatro. Sem desconsideração por esta sympathia que a hospitalidade recomenda diremos que não é este dos ensaios mais felizes do actor estrangeiro. O final do segundo acto que se distingue por uma impressão terrivel foi interpretado muito áquem da intenção do author. Tinhamos ouvido ainda ha pouco, no mesmo papel, representado em versão portugueza, o Sr. Germano Francisco de Oliveira, actor brazileiro que se apresentou igualmente no theatro normal e é opinião de todos os entendidos que o paralelo não é favoravel ao artista francez. A gargalhada que revela o delirio na bocca do Sr. Germano, excitou uma commoção profunda. Charles Lemaitre nesta peripécia capital ficou-lhe extremamente inferior. Não pôde haver parcialidade neste juizo por que ambos os artistas são forasteiros entre nós.

Le Mousquetaire gris, que foi a segunda peça escolhida por C. Lemaitre, teve um exito ainda mais infeliz. Escripção exclusivamente para fazer brilhar o actor que desempenha a parte do protagonista, fraquejando este, o resultado não pode nunca ser favoravel. Foi o que aconteceu. O talento de C. Lemaitre não se presta á comédia; faltam-lhe condições e dotes para a poder executar bem. É nos grandes rasgos dramaticos, nas peripécias vehementes que a sua vocação artistica se ostenta lisongeiamente. É n'estes lances dramaticos que o temos visto brilhar.

Se tivesse feito uma escolha n'este sentido estamos certos que alcançaria novos applausos para juntar aos que já tem sabido conquistar em situações identicas.

Sentimos porem, o procedimento da platéa que nos pareceu excessivamente rigoroso. O silencio n'aquella noite era bastante signal de desapprovação.

No theatro normal representou-se uma comedia traduzida do castelhano e intitulada *O casamento da moda*. Singela no enredo, interessante de episodios e delicada na condução, o espectador ouve-a com prazer e deleitava-se n'algumas scenas intimas descriptas com verdadeiro espirito de observação. Agradou geralmente.

A execução foi regular. A sr.^a Gertrudes esmerou-se no desempenho do seu papel e não se poupou a esforços para o traduzir com verdade; Epifanio no terceiro acto, teve bellas transições e alguns rasgos brilhantes; Theodorico estava deslocado no seu papel; e a sr.^a Delfina e Sargedas souberam despertar a hilaridade.

Duas comedias novas appareceram esta semana no theatro do Gymnasio. *Por causa d'uma aposta*, é uma sensaboria, e como tal foi considerada pelo publico. *O villão em casa do seu sogro*, é um disparate engraçado em que o sr. Izidoro, creou mais um typo para acrescentar a sua bella-galeria. Os applausos que a platéa lhe consagra todas as noites, fazem o seu elogio, e provam-lhe que acertou mais esta vez.

Regressou a Lisboa o actor brazileiro Germano Francisco de Oliveira, que vem de visitar não sómente a França, senão tambem a Alemanha; não foi ali unicamente colligir observações artisticas senão completar os seus estudos nas sciencias medicas em que é igualmente versado. O exito que alcançou na *Gargalhada*, tornou-o bem conhecido entre nós e classificou-o lisongeiamente ao lado das nossas primeiras vocações dramaticas.

Segundo nos informam o sr. Germano Francisco de Oliveira aproveitará a sua demora aqui para dar ainda algumas representações no theatro do Gymnasio, manifestando-se n'um genero inteiramente diverso d'aquelle em que se revelou no theatro normal. Uma das recitas será em beneficio de um estabelecimento pio, unica recompensa que exige do seu trabalho, abandonando generosamente as outras aos seus irmãos da arte. Esta acção verdadeiramente caridosa e meritoria honra o artista.

Cerramos esta chronica commemorando uma grande dôr. O nosso amigo e director da *Illustração*, Luiz Augusto Rebello da Silva acaba de perder sua mãe. Dizer isto é dizer tudo. Nenhuma perda é tão irreparavel como esta. Ainda na primeira quadra da vida Rebello da Silva foi já provado pelos dois maiores golpes que pôdem retallar a alma. Com poucos annos de intervallo desceram a um só tumulo os que tanto se uniam na vida para o estremecerem. Não damos consolações aqui ao nosso amigo, nem se dão em casos taes. O seu espirito que é para muito, é-o tambem para a resignação christã, unico lenitivo quando a cruz humana é tão pezada.

ERNESTO BIESTER.

VERSOS A...

Não sabes que ao ver-te pallida,
E pensativa a meu lado,
O rosto na mão firmado,
E os olhos fitos no chão;
Callado, ancioso, anhelante.
Busco ler no teu semblante,
A expressão de dôr constante,
Que te exprime o coração

— Pois não basta o meu amor
Para te dar a ventura?
Responde quando a luz pura
Do sol illumina a flôr,
Não lhe accende mais a côr,
E lhe dá mais formosura?
Agora quando se inflamma
No teu peito aquella chamma.
A quem tudo se illumina
Da mais encantada luz,
Dize e quando minha vida
Pallida, triste, abatida,
A tua frente se inclina,
E melancolica sombra
De mais contida amargura
Nos teus olhos se traduz?

— Certeza de que és amada,
Com quanto poder na terra
Em peito de homem se encerra,
Não a tens pomba adorada?
Então de fundo desgosto,
Por que vem nuvem pesada
Carregar teu bello rosto?

— Pois se ao nívido calor
Do sol a rosa fulgura
E dobra de aroma, e cor
Não te hade dar a ventura
A chamma do meu amor?

Setembro de 1852.

BULHÃO PATO.

A ROSA.

Como ostentas seducção!
Oh! como és linda e formosa,
Como és bella e caprichosa
Minha florinha mimosa
Em tão viriginal botão!
Sobre as agoas da corrente
Que murmura mansamente,
Como te inclinas contente
Ao sopro da viração!
O teu perfume tão braudo
Os ares embalsamando
De gozos me embriagando
Como falla ao coração!
Oh! como fallas de amor
Mimosa, purpurea flor!
Mas eu não te colho não!...
Quando te vir outra vez.
Amanhã mesmo-talvez,
Já não inspiras paixão.
Já estarás desbotada,
Palida, murcha, coitada,
Com tua fronte inclinada,
Com tuas folhas no chão!...
E eu direi: ella vivia...
Longa vida prometia
Essa rainha d'um dia
Depois veiu o furacão
E ai! deixou-a cahida,
De suas gallas despida,
Sem brilho, sem côr, sem vida!...
— Uma rosa, uma illusão!

Abril 2, 1856.

CASIMIRO ABREU.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 18.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480
VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960
Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200
ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200
POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600
OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480
O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300
A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720
MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200
A REDEMPÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. rs. 360
NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800
POESIAS DE M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400
OTHELLO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300
A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama e 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480
DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

No Prêlo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.
AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dous actos por Ernesto Biester.